

Ocidente: um universo em desencanto**Evaristo Giovannetti Netto¹**

“...que faire d’un monde qu’on ne dit pas. (...)
um monde d’une généralité si extreme...
um monde d’une imprécision abominable...
– Jacques Roubaud

Onde nasce o Ocidente? De que remota fonte jorra sua vitalidade e sua debilidade? Por que a poderosa luz que projeta sequer logra dissipar o denso nevoeiro que envolve toda uma civilização? E por que a sombra do declínio e de um inevitável fim tem sido, com tanta frequência, reiterado no pensamento e nas páginas que dele se ocuparam? Por que o espectro do declínio inelutável e da decadência tem repetidamente rondado o progresso luminoso que ele mesmo engendrou? A possibilidade de uma nova queda, de uma derrota inelutável representa o fim de todas as conquistas assinaladas ao longo de milênios? É importante considerar como a persistente idéia de decadência do que denominamos civilização ocidental tem encontrado abrigo no pensamento e no imaginário modernos, passando pelas mais variadas correntes. A recorrente idéia dos ciclos tem servido de apoio para visões que recorrem a expressivo número de exemplos de sociedades, culturas e civilizações que nasceram, se desenvolveram e depois de prolongada crise terminal decaíram e muitas, morreram.

Um certo cansaço surpreende e paralisa, em muitas oportunidades, a energia criadora de uma cidade, de um império, de uma nação e tudo o que parecia florescer, desfloresce, e circunstâncias e conjunturas muito particulares precipitam crises, agudizam contradições e se precipitam, de modo que o que se arrastava por séculos, adquire excepcional velocidade pondo em cheque os valores que lhe davam consistência e confiabilidade. Até aquelas instituições e formas de governo sobre as quais se edificara sua grandeza e seu fastígio, se deixam desfigurar pela corrupção e pelo poder desmesurado que passa a exercer sobre seus súditos. Subitamente, o descrédito, a dúvida, a desesperança, arrastam uma civilização inteira para o abismo, independente de suas realizações e do domínio que logrou exercer sobre extensas áreas de diversos continentes.

Sequer precisaríamos invocar os favores e auspícios de Clio para mostrar como a História tem sido, em grande parte, a história do nascimento, formação, desenvolvimento, apogeu, crise, declínio e decadência de sociedades inteiras até o colapso final. Poderá o Ocidente escapar dessa roda dentada? Em que fundamentos se apoia a superioridade, hoje incontrastável do que denominamos civilização ocidental? Poderá ela sobreviver à crise e ao colapso das nações ou impérios que lhe serviram ou servem de pilares? Poderá ela manter indefinidamente o impulso criador, a dinâmica do progresso que logrou engendrar, e que, com uma mística que lhe é própria, enquistou-se em todas as coisas, alimentou todas as expectativas? Não se tem notícia de sociedades que lograram manter por período indefinido o seu ímpeto criador. Até porque, em algum momento, a realidade não corresponde às esperanças que acenavam no horizonte e

¹ Doutor e Mestre em história social. É professor (licenciado) no curso de relações internacionais do Unicentro Belas Artes.

constata-se que a grandeza de impérios e nações escora-se na fidelidade, submissão e exploração de uma legião de desconhecidos.

“Um ‘espírito nacional’ particular – dirá Hegel – é um ser vivo que nasce, atinge a maturidade e morre. Num dado momento da história, o Espírito absoluto encarna-se num povo e espiritualiza-o. Insufla-lhe então a cultura. Essa cultura nacional impõe-se como uma realidade objetiva aos objetivos dessa nação. (...) Um povo é dominante na história do mundo para uma dada época – e cada povo só pode fazer época uma vez.” (TOUCHARD: 1970, 62.)

Ainda antes de Hegel, Giambattista Vico concebera a história de cada civilização percorrendo três ciclos: uma época arcaica de reis, sacerdotes e mitos primitivos, a que se seguia uma era de heróis e batalhas épicas, que culminaria numa época de império e domínio universal que atingiria o apogeu, se desmembraria, degenerando em barbárie e dando início a novo ciclo.

Ecoa na memória atávica do Ocidente, a crise da república romana, a lenta agonia desde a morte de Caio Otávio Augusto e a queda do Império Romano Ocidental, com suas fronteiras erodidas pelos bárbaros. A idade de ouro seguiu-se um estado agônico e terminal com prolongada crise e breves interregnos de luz. Gibbon e Montesquieu, entre tantos outros, se ocuparam dos tormentosos eventos que puseram abaixo uma estrutura de poder que parecera tão sólida. “Tudo se degenera nas mãos do homem” – dirá Rousseau. “Tudo flui, nada permanece” – dirá Heráclito. E Cícero mostrara-se angustiado com a crise de valores que se abatia sobre a república romana. Nem o homem, nem as civilizações escapam às rodas dentadas do tempo e aos caprichos da fortuna, dirá Machiavelli, com outras palavras.

O homem vira o rosto para o que lhe parece senil, para as estruturas gastas e sorri para a juventude, para o novo que se anuncia no horizonte da História. Sto. Agostinho, que apreciara a monumentalidade da Roma imperial, lamentava seu declínio, mas antevia a possibilidade que se abria em meio aos escombros, da construção de uma nova ordem mundial fundada nos valores e promessas do Cristianismo, até porque, emergira já, no seio do império decadente, a visão de uma cidade de Deus que seria o fundamento de uma civilização senhorial e cristã.

Insinuava-se em meio aos escombros do Império Romano Ocidental, a gestação de uma Europa moderna e Gibbon, no século XVIII, observaria que a hegemonia e o poder romano acarretara uma classe dominante falida, uma classe camponesa empobrecida, um exército insolente e arrogante e um imperialismo que se tornava o brinquedo de loucos e degenerados.

Se Burchardt vira no Estado a obra prima da renascença européia, Toynbee, ao analisar o processo de secularização da vida ocidental, destacou a revolucionária mudança de atitude e de ethos, ocorrida no Ocidente, pela adoração do que denominou Estados Paroquiais, num primeiro momento e, depois, pela valorização da experiência em detrimento da autoridade e da Tecnologia em detrimento da Religião. A partir do século XVIII, observa o historiador inglês, “o fermento da secularização e o sabor da tecnologia espalharam-se, progressivamente, de uma camada a outra da sociedade, até que penetraram toda a Massa” (TOYNBEE: 1967, 252).

Nessa sucessão cíclica – e uma linha invisível parece permear e anelar todos esses ciclos – tomam corpo visões da História. Algumas derramam um olhar nostálgico ao passado, outros afirmarão a irreversível marcha do homem para o progresso e a realização da liberdade. Para Hegel, o Estado seria a projeção da razão moral no mundo; para Marx, a conciliação final dos desejos do homem e de suas relações na sociedade, a consumação de sua humanidade plena se daria pela abolição das classes, desenhando-se no horizonte, uma nova ilha paradisíaca, mas não isenta de contradições. A realidade, entretanto, mostrou-se diferente em tudo da esperança e muitos outros fizeram incidir seu olhar cético sobre a cidade industrial, na qual civilização e barbárie sempre foram vizinhas promíscuas, para não falar no espectro da guerra, com seu séquito de enormidades morais, sempre presente nas páginas dos jornais.

Os notáveis sucessos do progresso sempre se fizeram acompanhar de fortes expectativas e de algum temor, afinal, se todos participam dos riscos e problemas que a Tecnologia engendra, foram sempre poucos os que participaram de seus benefícios. A luz que as conquistas da ciência e da tecnologia infundem sempre acabam permeadas pelas sombras, pela dúvida e por algum sentimento de perda. “O progresso – dirá Baudelaire – atrofiou em nós tudo o que era espiritual”.

Melhor que qualquer outro, Arnold Toynbee detectou no século XVII, a origem de muitos dos males que se abateram sobre a civilização ocidental com o processo de secularização no qual o homem sucumbiu ao culto do Estado e, depois, ao fascínio da Tecnologia (...) Mas deixava aberta a perspectiva da recuperação, ainda que na undécima hora, onde o instinto de sobrevivência falaria mais alto que a própria razão.

Que forma tomaria o Príncipe que, iluminado pela virtú e pela fortuna, reorientaria o curso de nossa civilização, afastando-a dos perigos que a espreitam... (por certo não será um príncipe florentino, tampouco um partido político, como imaginava Gramsci, e menos ainda um super-homem de viés nietzscheano).

Dois títulos recentes retomam e recolocam em discussão a idéia de decadência e colapso da civilização ocidental e se ocupam de uma crise de identidade e de uma crise espiritual que toldam de nuvens densas e ameaçadoras o horizonte. Enquanto Arthur Herman n’A IDÉIA DE DECADÊNCIA NA HISTÓRIA OCIDENTAL, faz uma análise detalhada de como, em meio à desesperança e ao pessimismo a idéia de um declínio inelutável a que não se poderia escapar, Gilberto de Mello Kujawski n’O OCIDENTE E SUA SOMBRA, depois de ver no ocidente, o herdeiro das civilizações greco-latinas e de matrizes judaico-cristãs, põe em relevo a contradição em que nossa civilização se debate, ao demonstrar que a mesma civilização capaz de gerar riqueza em grau superlativo, engendra também a sombra da autodestruição e desencantamento. “...a disposição do Ocidente para criar cada vez mais riqueza é, a um só tempo, sua luz e sua sombra, na proporção em que a vocação para o enriquecimento ilimitado, para superar a posição adquirida em busca de outra posição superior, ameaça o Ocidente de perder tudo o que conquistou com seu gênio e seu esforço criador.” (Ob.Cit., pp. 82/3)

Essa sombra é tanto mais densa e ameaçadora se considerarmos a universalidade e radicalidade da crise que atravessou os umbrais do milênio e abarca todos os campos, insinua-se em todas as esquinas e espreita-nos os passos erráticos. Um sonho de

liberdade, que por tanto tempo se acalentou parece não encontrar abrigo numa sociedade que faz tábula rasa de referências e valores que guiaram gerações e sucumbe ao fascínio da tecnologia. Não se pode considerar que os resultados da revolução industrial e das revoluções tecnológicas que vieram depois em movimentos e ritmos sempre mais acelerados, tenham sido desastrosos para a raça humana. Mas, naturalmente tiveram um custo que encontra expressão mais perfeita na desigualdade e exclusão social, na discrepância que separa os países mais ricos dos mais pobres, nos interditos que atropelam os caminhos dos países denominados emergentes, na utilização irracional dos recursos naturais e na pouca consideração que se teve para com as culturas de cada país, impondo a todas elas um totalitarismo tecnológico-industrial que o manifesto de Unabomber soube dimensionar.

“O sistema tecnológico-industrial pode sobreviver, mas também poderá desmoronar-se. Se sobreviver, pode acontecer que suscite um baixo nível de sofrimento físico e psicológico, mas só depois de passar por um longo e muito doloroso período de adaptação e só à custa da permanente redução dos seres humanos e de muitos outros organismos vivos a produtos resultantes de engenharia e a meras engrenagens na máquina social. Além disso, se o sistema sobrevive, as suas conseqüências serão inevitáveis, por que não há maneira de reformar ou modificar o sistema de forma a evitar que ele prive as pessoas de dignidade e autonomia.” (Ob.Cit. pp.45/6)

Por certo, não é a primeira vez que a preocupação com o futuro que nos espreita faz recolocar o tema e a perspectiva de um fim, de um colapso ou a necessidade de uma reorientação, de uma correção de rumos ou ainda de uma nova ordem mundial, diversa daquela que agora se apresenta como “nova”. Os desafios que temos pela frente reclamam, para usar a terminologia toynbeeana de uma resposta eficaz. E da resposta que soubermos articular dependerá por certo a sobrevivência da civilização ocidental ou o seu ocaso. Mas, que resposta se poderá articular se persistir a tendência assustadora de renúncia à utopia e se o sonho de liberdade e justiça sucumbe a pouco e pouco à conciliação e ao pragmatismo e se aquilo que se julgava ser a esquerda já não está onde deveria estar? Como escapar desta imprecisão abominável? E mais, no caso de uma falência múltipla de órgãos que leve a civilização ocidental a um estado terminal, precedido por longa e sofrida agonia, que novos bárbaros resgatarão dos escombros, algo que lhes sirva para engendrar um novo tempo?

Referências bibliográficas

- HERMAN, Arthur – [1999] – A IDÉIA DE DECADÊNCIA NA HISTÓRIA OCIDENTAL. São Paulo: Record.
- KACZYNSKI, Theodore (?) UNABOMBER – [1997] – MANIFESTO DO UNABOMBER – O FUTURO DA SOCIEDADE INDUSTRIAL. Lisboa: Fenda.
- KUJAWSKI, Gilberto de Mello [2002] – O OCIDENTE E SUA SOMBRA. Brasília: Letrativa.

KUJAWSKI, Gilberto de Mello [1988] – A CRISE DO SÉCULO XX. São Paulo: Ática.

TARNAS, Richard [1999] – A EPOPÉIA DO PENSAMENTO OCIDENTAL. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil.

TOUCHARD, Jean [1970] – HISTÓRIA DAS IDÉIAS POLÍTICAS (VI.5). Lisboa: Pub. Europa-América.

TOYNBEE, Arnold J. [1967] – A HISTÓRIA E A RELIGIÃO. São Paulo: Fundo de Cultura.